



1º Encontro - Saúde é um direito e não uma mercadoria



Saúde é direito de todos/as

Leitor: Vamos nos perguntar: o que é saúde? Quais relações podemos estabelecer entre saúde e doença?

Geralmente nos referimos a “saúde” como a oferta de ações e serviços, tais como: médicos, exames, remédios, profissionais de saúde, locais que prestam serviços na área da saúde, vacina. Isso porque, geralmente, esses serviços e ações resolvem ou cuidam daquilo que está nos causando dor, sofrimento e prejudicando a nossa vida num momento específico.

É fundamental tê-los! Devem ser de qualidade e acessíveis a todos/as, não só para alguns. Não podemos aceitar a “conversa” que anda por aí: quem pode pagar tem acesso a uma rede completa de serviços e ações de cuidados; os outros, a grande maioria da população brasileira, têm apenas uma lista de alguns serviços básicos, muitas vezes insuficientes e ruim.

Mas saúde não é só isso! Saúde é poder viver dignamente, não só biológica, mas também espiritual, mental e socialmente. Isto é, lutar pela saúde, além de dizer respeito à garantia do cuidado quando a enfermidade atingir, é lutar também pela promoção da saúde e da prevenção da doença.

O que isso quer dizer? Quer dizer que o contexto em que a nossa sociedade está organizada pode promover saúde ou doença.

Veja: a fome, resultado, muitas vezes, do desemprego, e fomentada pela desigualdade social, fruto de sistemas neoliberais, como aquele que o Brasil viveu na década de 1990 e ainda vive, concentrador de riqueza para alguns e gerador de pobreza para a grande maioria, é um problema de saúde. Como uma pessoa que não se alimenta adequadamente poderá ter saúde? Ela poderá ter a rede de serviços e ações de saúde à sua disposição, mas, se não tiver comida no prato, não terá saúde.

Também a falta de moradia, de saneamento básico, de trabalho digno, de cultura, de lazer são questões de saúde.



Roteiros de diálogos sobre o SUS nas Eleições 2022

Textos para leitura

A **saúde**, neste sentido, é entendida como **um direito** a ser **garantido pelo Estado a todos/as**.

A forma como a nossa sociedade se organiza pode gerar saúde para alguns e enfermidades para outros. E, ainda, alguns podem lucrar e concentrar riquezas com essa enfermidade. Sabe como? Ao considerar-se a **saúde uma mercadoria**, um produto, **um negócio**, Assim como o gás que compramos no mercado. Ora, o gás está muito caro porque é regulado pelas leis do mercado, e muitas pessoas não conseguem comprar gás.

Assim acontece com a saúde: ao considerá-la como mercadoria, “vamos ao mercado” e quem tem dinheiro compra o “pacote saúde” que melhor lhe atende, quem não tem fica sem comprar esses serviços. Concentram-se bilhões de reais para aqueles que comercializam a saúde e precariza-se a vida de muitos milhões. Aliás, o SUS foi criado exatamente para evitar que as pessoas e seus corpos fossem transformados em mercadoria ou negociados na bolsa de valores.

Nesta concepção de que saúde é mercadoria, o Estado (Governo Federal) não se responsabiliza pelo cuidado da população, jogando tal responsabilidade para as pessoas, suas famílias ou próximos. O máximo que assume são alguns serviços básicos, como algumas vacinas, número determinado de consultas, alguns medicamentos, etc., mas não o cuidado integral. Caso você precise de um serviço não disponível, precisa pagá-lo. Sabia que isso vem acontecendo no Brasil e nos últimos quatro anos se agravou? Sabe como?

Com a aprovação da nova política de atenção básica (que prioriza somente a lógica assistencial), o Programa Previne e a aprovação da EC 95 (que entende a saúde como gasto, congelando o valor dos recursos por 20 anos, enquanto os juros da dívida ativa não foram congelados e seguem aumentando ano após ano). O corte de recursos para o SUS, por meio da aprovação da EC 95, segundo os pesquisadores Bruno Moretti, Francisco Funcia e Carlos Ocké (CNS, 2020), fez com que, só entre 2018 e 2020, o SUS perdesse R\$ 22,5 bilhões. Em 2022, o congelamento do piso de saúde, determinado pela EC 95, implicará uma perda próxima a R\$ 25 bilhões para o SUS. Isso impactará diretamente nas ações e serviços das UBS, no acesso a exames, cirurgias, leitos hospitalares, nas campanhas de vacinação, nas vigilâncias. Sem recursos financeiros, não há SUS. As perdas vão



Roteiros de diálogos sobre o SUS nas Eleições 2022

Textos para leitura

aumentando ano a ano; se somarmos todos os anos juntos, as cifras são trilionárias. No segundo encontro, iremos discutir mais sobre isso!

Por isso, ao defendermos o SUS, estamos dizendo NÃO À SAÚDE COMO MERCADORIA e SIM A SAÚDE COMO DIREITO. Assim, quando o Estado fornece dinheiro para a saúde, não está simplesmente gastando ou onerando o orçamento público, mas cumprindo sua função. Saúde não é gasto, é investimento!